



ENTRELAÇANDO ESCOLA E UNIVERSIDADE: POR UM TECIDO EDUCACIONAL

INTERTWINING SCHOOL AND UNIVERSITY: IN BEHALF OF AN EDUCATIONAL TISSUE

Álvaro de Souza Maiotti

Mestre em Ciências (UNIFESP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1296881148084266>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6631-0234>

Email: alvaro_maiotti@yahoo.com.br

Diego Pinto de Sousa

Doutor em Linguística (UNICAMP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9463234620816552>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4954-9876>

Email: diegopsousa@hotmail.com

Rubens Lacerda de Sá

Doutor em Linguística Aplicada. (UNIFESP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5220477053711608>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2555-0079>

Email: rubens.sa@unifesp.br

Resumo: O presente artigo é resultado das reflexões que antecederam, sucederam e ocorreram durante o encontro intitulado “Ateliê — Escola & Universidade: Relatos de experiência docente e pesquisas na educação básica na educação básica que faz e acontece”, que integrou a programação da III Jornada de Educação Docente, realizada entre os dias 7 e 9 de março de 2024 no campus Guarulhos da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). O objetivo do encontro foi discutir os desafios experienciados pelos docentes da educação básica na escola e as possíveis soluções, considerando as perguntas geradoras disponibilizadas no formulário de inscrição do evento, as respostas dos participantes a essas perguntas, bem como os relatos de experiência produzidos pelos participantes e apresentados na ocasião. O escopo do artigo é compor um tecido educacional que evidencie a importância do entrelaçamento entre universidade e escola no que concerne à educação continuada dos docentes da educação básica e sua atuação, e à pertinência das pesquisas desenvolvidas na universidade sobre a escola para todos os que convivem e interagem neste ambiente.

Palavras-chave: Escola. Educação docente. Universidade.

Abstract: This article is the result of reflections that preceded, followed and occurred during the meeting entitled “Atelier — School & University: Reports of teaching experience and research in basic education that makes it happen”, which was part of the III Journey of Teaching Education, held between March 7th and 9th, 2024 at the Guarulhos campus of the Federal University of São Paulo. The objective of the event was to discuss the challenges experienced by basic education teachers at school and possible solutions, considering the mobilising questions made available on the event registration form, the participants' responses to these questions and the experience reports produced by the participants and presented on the occasion. The objective of the article is to compose an educational tissue that highlights the importance of interlacement between university and school as regards continuous training and performance of basic education teachers, and the relevance of research carried out at the university on the school for all those who live and interact in this environment.

Keywords: School. Teacher education. University.

Introdução

O colégio... Livros, mapas, Ouviram do Ipiranga as margens
plácidas... classes, cabeças curvadas sobre cadernos,
cochichos, murmúrios e uma vontade doida de sair para
o sol, de correr, ver a rua, as pessoas, as casas, o céu, os
bondes, os automóveis... — Erico Verissimo.

A educação brasileira, tal qual seu país, assume contraditoriamente duas impressões valorativas partilhadas no senso comum: vida e futuro contrapostos em equilíbrio à morte e passado. Tanto o Brasil quanto a sua educação, corre de ouvido a ouvido, parecem morrer destinados ao passado e, em concomitância, ser interpretados com sinais de vida e futuro. Essa contradição é sintetizada na popular ideia de que “O Brasil é o país do futuro”, um futuro que incomodamente não chega, aprisionado a um passado não exitoso.

Os dados auxiliam a compreender essa crise na educação (Rajagopalan; Sousa, 2018), pois a mesma nação que deu acesso ao ensino a milhões de cidadãos é a que possui péssimos índices educacionais nas últimas décadas. Do sonho dos pioneiros na década de 1930 até a contemporaneidade, avanços e fracassos convivem, mas nem sempre em pé de igualdade: o crescimento do analfabetismo, a evasão escolar e as gritantes desigualdades sociais espelhadas nas diversas realidades das mais de 170 mil escolas públicas do país são alguns bons exemplos (Rodrigues, 2023).

Em um centro marginal de toda essa discussão estão os professores. Encontram-se ali onde as coisas, para o bem e para o mal, acontecem: o chão da escola. Um papel igualmente paradoxal ocupam os professores: são protagonistas, sendo historicamente coadjuvantes. Todas as demandas estão ali: estudantes, currículo, didática, criatividade, transmídias e uma feroz e complexa realidade social. Sua voz, a voz docente, poucas vezes é ouvida ou considerada. Deixando educadores de lado, as secretarias de educação definem toda a ritualística burocrática e sua rotina curricular e a academia e os centros universitários, por sua vez, dissecam os conteúdos, suas abordagens, métodos e instrumentos.

Daí derivam as perguntas geradoras presentes no processo de inscrição para participação na III Jornada de Educação Docente (JED), realizada entre os dias 7 e 9 de março de 2024 no campus Guarulhos da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Seu afã foi o de ouvir a voz dos docentes, dar vez e voz a uma pequena parcela de representantes de uma categoria com mais de dois milhões de profissionais em território nacional e, a partir destas vozes, gerenciar uma jornada efetivamente significativa e produtiva que, além de ouvir as respostas dos docentes, também os motivou a enviar relatos de experiência em sala de aula.

É possível organizar as perguntas em diferentes grupos de intenção. No primeiro bloco, por exemplo, temos as questões um e dois voltadas às origens da escolha dos professores pela vida pedagógica: “1) O que me motivou a ser docente?” e “2) Qual é o meu maior propósito como docente?”. Com essas questões, procuramos reconhecer esses lugares de origem e, a partir deles, ponderar quais seriam as colunas genuínas ainda não desgastadas pelo cotidiano escolar em que estes educadores ancoraram suas primeiras expectativas e objetivos com o trabalho de ensinar outras pessoas. Como veremos mais à frente na consideração analítica das respostas, esses pontos de origem dizem muito a respeito das decepções futuras com a categoria e a prática docente.

No segundo bloco, estão as perguntas três, quatro e cinco. Ao inquirir o docente participante da jornada sobre “3) Qual tem sido minha maior decepção na docência?”, os mentores do evento buscaram dar protagonismo efetivo à escuta. Na perspectiva bakhtiniana, há uma considerável distinção entre calar e escutar. Enquanto aquele, o calar, se propõe infértil e monológico, o escutar se configura em uma postura dialógica, interativa e propositiva (Ponzio, 2012). A escuta das frustrações destes que laboram na educação, mais do que um confessor melancólico e improdutivo, pode ser instrumentalizada como uma plataforma propositiva de reflexões sobre o ponto de nascimento das decepções, bem como um caminho de saída ou diminuição dessas inquietações.

No caso da pergunta quatro, “4) A gestão escolar e a Secretaria de Educação ouvem o que tenho a dizer?”, a postura auditiva dialoga com uma demanda crítica presente na vida dos docentes

em seus diferentes campos de atuação, a saber, sua relação com a administração direta e superior da gestão escolar. Infelizmente, é o que se verá nos relatos, não é incomum certa insatisfação com a gestão e, em casos mais sérios, relatos de opressão e assédio.

Por fim, coube à quinta e última pergunta geradora desejar saber o que além de origem, sonhos e dores o professor anseia falar e propor: “5) Que mudança proporia para melhoria da Educação?” É irônico pensar que ouvir o “chão da escola” seja algo óbvio para pensar em caminhos e estratégias de aprimoramento e evolução da educação. Apesar disso, é o que os relatos apontam: professores e professoras não se sentem ouvidos pela coordenação pedagógica e, sobretudo, pelas secretarias de educação.

O oposto é igualmente uma verdade: ao passo que não se sentem ouvidos, os educadores, geralmente, identificam por parte das secretarias e da coordenação pedagógica um peso opressor de cobranças burocráticas e técnicas pouco relacionadas à questão educativa. Para Chevillard (2013), um dilema fulcral da educação se assenta no intervalo entre o conhecimento científico e real e o conhecimento a ser ou em condições de ser ensinado. A este entrelugar o autor denomina “transposição didática”. A partir das questões geradoras e suas respostas, é possível somar à visão de Chevillard (2013) outras tantas variáveis. É o caso de todos os fatores sociais e emocionais intrínsecos a qualquer intenção ou prática pedagógica, por exemplo. Aqui se revela a perturbadora distância entre o que chamamos há pouco de chão da escola e seus supostos parceiros, as secretarias de educação e, como discutiremos de maneira mais detalhada, a universidade.

Para isso, o artigo estruturou a reflexão acerca das respostas às perguntas geradoras em duas etapas principais que sistematizam as seções a seguir. Em um primeiro momento, buscamos empreender um diagnóstico sobre o que dizem os docentes, quais respostas são preponderantes, e para qual caminho representativo da percepção coletiva dos professores tais respostas apontam. Posteriormente, a tarefa que se estabeleceu foi a de analisar criticamente o que os caminhos e tramas traçados apontam sobre as origens, desdobramentos e rupturas necessárias as mesmas respostas podem fomentar. Um diálogo genuíno e ainda não claramente feito entre a educação básica e a universidade é uma das problematizações levantadas e prementes, ao nosso ver.

O que dizem os docentes

Vale dizer, como já indiretamente explicado, que a coleta destas respostas se deu em contexto de inscrição para participação na III JED. No processo de preenchimento do formulário de inscrição, os interessados tinham a opção de responderem ou não as perguntas geradoras descritas a seguir: 1) O que me motivou a ser docente? 2) Qual é o meu maior propósito como docente? 3) Qual tem sido minha maior decepção na docência? 4) A gestão escolar e a Secretaria de Educação ouvem o que tenho a dizer? e 5) Que mudança proporia para melhoria da Educação?

Figura 1. Cabeçalho do formulário de inscrição para a III JED



Fonte: Os autores (2025)

Após a leitura das respostas dadas a cada pergunta, empreendemos o esforço de sintetizá-las para que as ideias principais pudessem ser mais rapidamente retomadas no momento de análise e reflexão. As respostas mais simples e curtas foram reduzidas a uma palavra; as respostas mais longas e complexas foram reduzidas a uma frase. As palavras e frases foram inseridas no WordArt, um gerador de nuvem de palavras disponível gratuitamente na Internet. Palavras ou frases repetidas

com maior frequência ganham destaque e aparecem em tamanho maior em relação às demais no processo de confecção das nuvens de palavras. Essa estratégia foi adotada em razão da extensão das contribuições, e das limitações inerentes à produção textual no formato de artigo científico.

A primeira pergunta recebeu 108 respostas, entre textos longos e breves. Dentre as razões que os motivam a exercer a profissão, destacaram-se: o desejo de retribuir os benefícios recebidos na infância através da educação e de contribuir com a transformação da sociedade e/ou a mudança do mundo e de futuros de alunos; exemplos positivos e negativos de professores com os quais tiveram aulas na infância; experiência escolar positiva na infância; presença de professores na família; dentre outros. A figura 2 a seguir ilustra as ideias que se repetiram com maior frequência nas respostas.

Figura 2. Nuvem de palavras das respostas à pergunta 1



Fonte: Os autores (2025)

A segunda pergunta recebeu 110 respostas breves. À primeira vista, já é possível notar o alinhamento entre as respostas dirigidas a essa pergunta e as motivações anteriormente apresentadas: de fato, faz sentido pensar que um grande propósito mobiliza os docentes e os impele ao exercício da profissão, ainda que em um cenário repleto de adversidades. Destacaram-se dentre os propósitos para a docência: o desejo de contribuir com a formação das pessoas; transformar vidas; fazer a diferença [na vida dos alunos]; ensinar; compartilhar conhecimento; promover educação de qualidade, entre outros (figura 3).

Figura 3. Nuvem de palavras das respostas à pergunta 2



Fonte: Os autores (2025)

A terceira questão recebeu 112 respostas breves. Poucos docentes apontaram a ausência de decepções no exercício da profissão. Houve variação quanto às decepções, mas algumas se

repetiram com maior frequência, como: a desvalorização e desrespeito ao magistério; falta de investimento [na educação]; falta de reconhecimento; e [baixa] remuneração (figura 4).

Figura 4. Nuvem de palavras das respostas à pergunta 3



Fonte: Os autores (2025)

Voltada para a escuta dos docentes pela gestão e secretarias de educação, a quarta questão recebeu 102 respostas breves que basicamente se dividiram entre sim e não (figura 5).

Figura 5. Nuvem de palavras das respostas à pergunta 4



Fonte: Os autores (2025)

A maior parte afirma que não há escuta por parte da equipe gestora da unidade escolar e/ou secretaria da educação, mas muitos dizem o contrário. Há que se considerar ainda a variabilidade de respostas que não ficaram evidentes na nuvem de palavras da figura anterior, tais quais: às vezes; nem sempre; a gestão sim, a secretaria não; só quando me faço valer à força, entre outras.

A quinta e última questão recebeu 104 respostas. Assim como ocorreu entre as duas primeiras questões, foi possível notar o alinhamento entre o que foi respondido na terceira e quinta questões, uma vez que elas abordam, respectivamente, as decepções do exercício da docência e as propostas dos docentes para a melhoria da educação. No caso da quinta questão, repetiram-se com maior frequência as propostas voltadas à capacitação e remuneração docente, seguidas das propostas de aumento de investimento nas instituições, melhoria nas condições de trabalho docente e inclusão (figura 6).

Figura 6. Nuvem de palavras das respostas à pergunta 5



Fonte: Os autores (2025)

Consideração analítica das respostas

É improvável uma análise alijada do contexto que ambienta os dados a serem apreciados. No que se refere ao contexto presente nas respostas aqui avaliadas, é preciso considerar, por exemplo, que a III JED integrou educadores da educação básica de diferentes realidades sociais e regiões do país. A discrepância entre docentes de institutos federais e professores de escolas públicas periféricas é um exemplo disso. Entretanto, dilemas e pontos de confluência são visíveis nas respostas da maioria dos participantes, a despeito das diferenças que cada participante enfrenta em sua labuta diária na educação.

Como vimos, as palavras que mais se repetiram nas respostas às duas primeiras perguntas, que abordaram a motivação e o maior propósito para a docência, foram contribuir e retribuir. Elas expressam o desejo dos docentes de colaborarem com a construção de um novo projeto de sociedade através da educação, e manifestam a gratidão pelo aprendizado recebido durante a infância, na maioria dos casos, em instituições públicas. Relatos mais extensos destacaram o papel decisivo da atuação de antigos professores e das experiências escolares na escolha da profissão. Aqui se coloca uma questão vital que se impõe a partir das primeiras perguntas geradoras: porque ou quem deseja ser professor na contemporaneidade?

Além de démodé para as novas gerações, tem crescido uma apreciação valorativa negativa quanto ao trabalho docente, em especial em solo brasileiro. Termos como doutrinação e ideológico são atribuídos à atividade pedagógica de educadores emparedados em sua jornada de trabalho, mesmo em contexto universitário. Afinal, quem quer ser um professor? Ou de maneira mais pragmática: quem deseja fazer o que um professor faz? Ou mesmo passar por aquilo que um professor passa para se tornar um educador?

O contexto é tão desfavorável que a profissão docente, anteriormente ao menos simbolicamente valorizada, costuma, atualmente, ser desestimulada, inclusive em ambiente familiar (Santos, 2013). O teste é quase infalível e pode ser feito pelos próprios educadores: pergunte em sua sala de aula quem deseja ser um professor e veja a reação intempestiva e desagradada da turma.

As duas primeiras perguntas e as respostas apresentadas a elas também nos remeteram ao trecho de uma obra de Carlos Rodrigues Brandão atribuído a Paulo Freire:

[...] a EDUCAÇÃO não muda o MUNDO. Mas a EDUCAÇÃO ajuda a mudar as PESSOAS. E ela muda as PESSOAS ensinando elas a saberem ler melhor, a saberem pensar melhor, a saberem julgar melhor o que está acontecendo, a saberem agir melhor, juntas, uma ao lado das outras.
E, assim, PESSOAS que sabem ler palavras lendo o MUNDO, haveriam de saber mudar o MUNDO. Saberiam como fazer um MUNDO melhor para a vida de PESSOAS mais felizes.
Afinal, felicidade é uma coisa tão boa que ninguém no Mundo devia viver sem ela!

Isso tudo a gente poderia dizer num versinho assim:
A escola não muda o mundo.
A escola muda as pessoas.
As pessoas mudam o mundo (Brandão, [2001?], p. 18).

Comumente associamos esse aprendizado descrito por Brandão ([2001?]) aos primeiros anos da educação básica. Contudo, a universidade também pode ser este espaço de qualificação que auxilia as pessoas a ler a palavra e, conseqüentemente, o mundo. Pensar a relação entre universidade e educação básica, a propósito, complexifica e avoluma ainda mais a questão. Se a educação não vai bem e o desinteresse pela docência é cada vez maior, a crise é expressiva e toca o ensino-aprendizagem de ponta a ponta, do processo de alfabetização e letramento às fileiras acadêmicas da universidade.

Vejam o relato de uma das participantes no qual evidencia-se a importância da experiência do ensino superior para a escolha da profissão:

Na verdade não escolhi, fui escolhida. Engravidei aos 17 anos e ao me inscrever no ProUni (pensando em um futuro melhor e sem renda) sem saber exatamente o que era me inscrevi em Normal Superior, que logo se transformou em Licenciatura em Pedagogia. Fui sendo contagiada durante a formação e descobri que estava no lugar certo ou seja na formação.

O excerto acima demonstra ainda como a escolha por cursos de licenciatura, para além da realização e identificação com o curso, também se esbarra em um recorte social, de classe e economia, haja vista que, por vezes, a decisão pelo ensino superior está atrelada ao que pode ser feito e não necessariamente ao que é ou foi desejado ou sonhado. Tais fatores externos à academia igualmente condicionam a permanência ou desistência tanto na carreira, como na continuidade da graduação (Ribeiro et al., 2018).

Discorrendo ainda sobre o ato de ler, não poderíamos deixar de mencionar uma belíssima passagem de um dos textos de Paulo Freire a esse respeito:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha (Freire, 1997, p. 20).

Considerando que poderia ter desistido do curso, é possível afirmar que, ao descobrir que “estava no lugar certo”, a participante assumiu “a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito[a] [...] do processo de conhecer” no qual estava inserida, o que se destaca na afirmação: “Na verdade, não escolhi, mas fui escolhida [pelo curso]” citada mais acima. Ressalta-se aqui a importância da universidade neste processo, cujos docentes são responsáveis, a um tempo, pela qualificação inicial e continuada dos docentes da educação básica.

A quarta questão escancara o problema que talvez possa ser identificado como a raiz de todos os outros: a equipe gestora da unidade escolar e/ou as secretarias de educação – e às vezes, ambas – não escutam o que os docentes têm a dizer, ou com eles estabelecem uma relação de burocrática hierarquia e não de parceria, como se espera. Disso podem decorrer, por exemplo, o desalinho que muitas vezes existe entre as propostas das secretarias de educação e a realidade das unidades escolares, e o desânimo docente em iniciar ou dar continuidade a projetos iniciados.

A equipe organizadora da III JED experimentou o problema da dificuldade de comunicação com as secretarias de educação, as diretorias de ensino e as equipes gestoras das unidades escolares antes da realização do evento. Contatamos a secretaria estadual de educação do estado de São Paulo e as secretarias municipais de educação das cidades próximas de Guarulhos para solicitar o abono de uma ausência aos docentes que porventura participassem das atividades programadas para um dos dias do evento, durante a semana. Recebemos pouquíssimas respostas. Dentre elas, destacou-se a mensagem na qual o(a) secretário(a) de educação alegou que a ausência para a

participação em um dia de atividades de educação continuada oferecido no evento não poderia ser abonada por ferir o direito de aprendizagem dos estudantes.

Em seguida, contatamos os núcleos pedagógicos das diretorias de ensino da rede pública estadual de educação e, posteriormente, todas as unidades escolares da rede pública estadual das cidades de São Paulo, Guarulhos e municípios adjacentes, além das unidades escolares da rede pública municipal de educação de Guarulhos e boa parte das escolas públicas municipais das cidades próximas, para solicitar ampla divulgação do evento entre os docentes e estimular a participação. Embora parte dessas instituições tenha se comprometido com a tarefa, há razões para crermos que ela não se concretizou: apesar de ter informado o núcleo pedagógico da diretoria de ensino e a equipe gestora da escola onde trabalha mediante e-mail oficial, um dos membros da equipe organizadora atestou que nenhuma informação sobre a III JED foi repassada aos seus colegas de trabalho, seja pelos profissionais da diretoria de ensino, seja pela equipe gestora da unidade escolar.

Outro assunto amplamente debatido sobre a educação é a aguda e generalizada presença da violência em diferentes realidades escolares. É o caso do bullying e de tristes atentados que ocorrem de maneira trágica sazonalmente em escolas brasileiras. Pouco se fala, todavia, quando a violência é direcionada aos professores seja por parte de alunos, da gestão escolar ou mesmo das secretarias de educação. A violência endereçada aos professores tem tido uma escalada nos últimos anos e pode ser manifestada de diferentes formas, para além da violência física (Plassa; Paschoalino; Bernardelli, 2021). É o caso das relações de assédio continuamente testemunhadas com a gestão escolar, com uma pesada burocracia nada produtora determinada pelas secretarias de educação, a ausência de infraestrutura para as atividades pedagógicas ou mesmo, um exemplo mais específico, a ausência de vacinas no período da pandemia.

Em relação à terceira pergunta, consideramos que a desvalorização e a [baixa] remuneração, aspectos repetidamente mencionados pelos docentes como responsáveis pelas maiores decepções do exercício da profissão, são elementos constitutivos de um projeto nefasto há muito denunciado pelo grande Darcy Ribeiro na célebre frase: “[...] a crise educacional do Brasil, da qual tanto se fala, não é uma crise, é um programa. Um programa em curso, cujos frutos, amanhã, falarão por si mesmos” (Ribeiro, 1986, p. 20, apud Silva; Muzzeti, 2017, p. 223).

Durante muitas décadas, a colheita desses frutos podres foi traduzida por meio dos índices da educação básica; agora, sua abundância também se reflete no já referendado desinteresse pela área da educação. Um levantamento feito pelo G1 do Paraná e publicado em fevereiro de 2024 demonstrou que a procura pelos cursos de Letras e Matemática em universidades públicas do estado caiu 74% em seis anos (Machado; Krüger; Dionísio, 2024).

Na quinta questão, estes aspectos tornaram-se o alvo das propostas de mudança representadas, em sua maioria, pelos termos capacitação docente e remuneração docente. A remuneração dos docentes da educação básica é um problema complexo, de ordem político-econômica, e em cuja resolução as universidades pouco ou nada podem contribuir. Caberá a elas a atuação em outra frente: a capacitação.

Eis aqui um ponto problemático que se coloca diante de qualquer intenção de desenvolvimento da educação em qualquer uma de suas instâncias: a educação ou a capacitação docente. De início, o que se coloca é um problema do currículo das licenciaturas pelo país. É provável que seja unânime a insatisfação dos estudantes no que se refere ao preparo nos estágios de prática docente. Não é incomum a sensação de que de nada se sabe sobre a rotina de trabalho real ao sair das fileiras da academia.

Se, por um lado, a resposta para essa demanda é desafiadora, por outro lado se impõe, a cada dia, a reconstrução de uma grade curricular oxigenada, viva e em diálogo com contexto complexo e transmidiático do tempo presente. Afinal, as dificuldades docentes no contexto da escola básica também decorrem, dentre tantos e até externos elementos, dessa qualificação educacional inicial pretendida pelas graduações e que de maneira salutar bem poderia ser continuada pela própria universidade.

Nessa cadeia cíclica que começa e retorna na educação básica dos próprios docentes e, posteriormente, na educação de seus estudantes, certamente há uma tarefa especial transformadora concedida às universidades. Essa tarefa, por responsabilidade da própria e, sobretudo, por forças sociais que contra ela trabalham, ainda está por fazer.

Ainda é preciso considerar os papéis das secretarias de educação e dos centros e núcleos de educação docente a elas vinculados. Há um fosso, talvez um intervalo aí. O abismo a que nos referimos se apresenta entre formadores, conteúdo e professores. De alguma forma, formadores e professores falam de distintas coisas quando se referem à educação, à vida em sala de aula. Esse distanciamento também se relaciona à universidade. Por vezes, os capacitadores ou formadores não possuem qualificação técnica para ocuparem os lugares formativos que exercem, em alguns estados tais funções são escolhidas em cargo de confiança e não por experiência ou capacidade técnica, por exemplo.

No que se refere à experiência, vale a pena considerar a suposta dicotomia entre teoria e prática que a própria prática docente põe por terra, visto que toda teoria é tangenciada por uma prática e cada prática, por sua vez, se relaciona a uma perspectiva teórica. Aqui identificamos a universidade como o espaço de excelência de tensionar teoria e prática em favor de uma educação significativa e transformadora. Escolas de aplicação como o Colégio Técnico de Campinas (Cotuca) são exemplos de como a interligação entre universidade - na égide de seu tripé de ensino, pesquisa e extensão - e escola básica pode produzir resultados e experiências exitosas.

Alguns programas em andamento parecem atender parcialmente a demanda da educação continuada: é o caso dos cursos de especialização lato sensu oferecidos pelas universidades públicas em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (2018), e os Programas de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Rede Pública de Educação Básica - ProEB, dos quais fazem parte, por exemplo, o Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS e o Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO, oferecidos em rede e cujos núcleos estão presentes em diversas universidades públicas, espalhadas por todo o território nacional, com uma identidade essencialmente formativa e inerente à prática docente. No caso dos mestrados profissionais exige-se, além da dissertação, um produto educacional que se configura como uma contribuição didática clara e concreta com finalidade de ensino-aprendizagem. Uma demonstração de como academia e educação básica podem servir-se reciprocamente, retroalimentarem-se.

Chama a atenção a descontinuidade de outros programas que reforçariam o oferecimento de capacitação aos docentes da rede pública estadual paulista de educação, como o Programa Rede São Paulo de Formação Docente - REDEFOR e o Programa Mestrado & Doutorado. Fruto de um convênio celebrado entre a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo - Seduc-SP e as universidades públicas estaduais, o REDEFOR voltou-se à capacitação profissional dos docentes pertencentes ao quadro do magistério por meio da oferta de cursos de especialização lato sensu em diversas áreas do conhecimento. O Programa Mestrado & Doutorado, por sua vez, oferecia subsídio financeiro aos docentes regularmente matriculados em programas de pós-graduação stricto sensu reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) (São Paulo, [2014]).

As perguntas geradoras foram protagonistas na concepção de etapas prévias à realização da III JED. Como dito anteriormente, elas foram uma expressão ou, quem sabe, ao menos uma tentativa de coligar universidade e educação básica. Seu intuito era dar vez e voz aos educadores que vivenciam a realidade da escola, por vezes distante dos espaços universitários.

Em um passo subsequente, e desta vez de forma presencial, as perguntas geradoras foram concatenadas já no terceiro e último dia do evento com os relatos de experiência submetidos para serem apresentados mediante comunicação oral. Os professores que submeteram seus relatos à III JED assumiram papel de destaque em uma roda de conversa gerida pelo Prof. Álvaro Maiotti, como registrado na imagem que se segue.

Figura 7. Roda de conversa na III JED



Fonte: Os autores (2025)

Como um profícuo momento de integração entre sujeitos que a um só tempo eram professores da educação básica e acadêmicos, a roda de conversa foi iniciada com uma reflexão proposta pelo Prof. Álvaro a respeito da palavra “ateliê”, empregada em seu título. O termo designa o ambiente de trabalho de um artesão ou artesã e remete-nos, portanto, ao modo de produção manual no qual este profissional, a quem pertencem as ferramentas e o ambiente de trabalho, reconhece a si próprio no produto do seu esforço e emprega no processo o tempo que considera necessário para realizá-lo. O enlace pretendido entre escola e universidade deve seguir a lógica da confecção artesanal, que exige a participação ativa dos sujeitos.

Para tanto, é necessário discutir alguns aspectos das relações entre essas instituições. A universidade tem um importante papel em nossa qualificação inicial, que nos habilita para o exercício da docência na educação básica; e em nossa educação continuada, mediante os cursos de aprimoramento, extensão e especialização *lato sensu*. Contudo, quando refletimos sobre as condições de acesso ao ensino superior gratuito e de qualidade, os obstáculos para o acesso dos docentes da educação básica à pós-graduação *stricto sensu*, e as pesquisas de mestrado e doutorado que tratam a escola apenas como mero objeto de investigação, constatamos que ainda há um hiato entre escola e universidade.

As dificuldades encontradas pela equipe de organização da III JED para divulgar o evento entre os docentes da educação básica, sobretudo no que concerne ao apoio solicitado às secretarias de educação, diretorias de ensino e equipes gestoras das escolas, também foram mencionadas. Elas revelam que, muitas vezes, os obstáculos que impedem a participação desses docentes nos espaços universitários não são fruto apenas da universidade. Diante deste cenário desfavorável, é necessário posicionar-se e organizar-se para ocupar espaços, ainda que estes sejam pequenas brechas.

Após propor as reflexões acima mencionadas, os indicadores revelados pelas respostas às perguntas geradoras foram problematizados, e os docentes foram convidados a ampliarem suas reflexões por meio dos relatos de experiência. Inúmeros relatos inspiradores foram apresentados, abordando práticas desenvolvidas junto aos estudantes de distintas etapas da educação básica, e cujas escolas pertencem às redes federal, estadual e municipal de educação, além da educação profissional. Os relatos evidenciaram o protagonismo de docentes e discentes que continuamente driblam os obstáculos político-econômicos, sociais e institucionais que intentam impedir o florescimento de práticas educativas emancipatórias e transformadoras de realidades.

Os docentes que não submeteram relatos para se apresentarem na ocasião foram encorajados a escrever sobre as boas práticas que realizam todos os dias e que, na maioria das vezes, permanecem invisibilizadas por falta de oportunidade. Essa situação motivou a equipe organizadora da III JED a pensar em desdobramentos para o evento. Dentre eles, podemos mencionar uma coletânea que reuniu os relatos apresentados no evento e os que foram enviados posteriormente pelos docentes, a ser publicada em breve; o dossiê do qual este artigo é parte integrante; e a possibilidade de continuidade do evento em outras oportunidades, a ser organizado e protagonizado por docentes de outras instituições e regiões do Brasil.

Postos lado a lado, tanto a proposta de preambular o evento com o recebimento das

respostas às perguntas geradoras quanto a realização da roda de conversa com professores e seus relatos de experiência durante o evento, se configuraram como um caminho salutar e produtivo da já relevante e necessária integração entre o solo da academia e o chão da escola. Territórios que precisam se integrar mutuamente. A escola precisa da universidade, sem escola a identidade da universidade se precariza.

Conclusão

Concluimos que, dada a extensão da tarefa de formar inicial e continuamente os docentes da educação básica, a universidade ocupa a posição dos fios de urdidura. A escola, por sua vez, ocupa a posição do fio da trama. O perfeito entrelaçamento entre ambas resultará na composição artesanal do tecido educacional ideal, cuja fabricação exigirá de nós o manejo cotidiano, atento e persistente dos nossos teares. Artesãs e artesãos da educação, poderemos delinear neste tecido os mais belos projetos de sociedade, o que exigirá de nós destreza no uso das ferramentas, paciência e persistência.

Foi em busca de tear essa trama que realizou-se a III JED, evento que intentou, a partir da universidade, dar protagonismo à voz de professores que, efetivamente, estão no dia a dia da escola brasileira. Esse laço entre escola e universidade se estabeleceu concretamente por meio da recepção de relatos de experiência e, antes disso, a partir do recebimento de respostas às perguntas geradoras que nortearam a gestão do evento para um diálogo franco com o docente de educação básica.

Não há dúvida que o entrelaçamento entre escola e universidade compõe apenas um dos importantes elementos que costuram a transformação e emancipação da escola brasileira. Não sendo responsável unicamente pelos problemas ou pela saída de tal crise, está no entremeio entre universidade e escola básica o tecido fundamental de uma revolução brasileira que, à parte de ser sonhada ou utópica, necessita ser realizada. Não por uma revolução em si mesma, mas por um povo e uma nação que, como descrito na introdução, encontram-se perdidos entre o Brasil que se precisa ser e o Brasil que se é.

Se o caminho deste entrelaçamento não está claro e ainda não temos uma receita estabelecida de como entrelaçar universidade e escola, essa agenda está em aberto e clama por ação. A III JED configurou-se como uma tentativa de resposta para isso. Enquanto não se encontra um caminho de vínculo entre esses fios repartidos e isolados, talvez um rumo previsto seja este: colocar escola e universidade frente a frente para um diálogo franco. Uma escuta colaborativa pode ser o primeiro passo, um primeiro elo.

Agradecimentos

À CAPES pelo apoio financeiro para realização da III Jornada de Educação Docente.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo**: uma história de pessoas, de letras e de palavras. Cadernos Fazendo História, 2001.

CHEVALLARD, Yves. **Sobre a teoria da transposição didática**: algumas considerações introdutórias. Revista de Educação, Ciências e Matemática, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/recm/article/view/2338>. Acesso em: 12 jun. 2024.

CONHEÇA as diretrizes do Programa **REDEFOR**. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. São Paulo, 22 ago. 2014. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/conheca-as-diretrizes-do-programa-redefor/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FREIRE. Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

MACHADO, Rafael; KRÜGER, Ana; DIONÍSIO, Bibiana. Em seis anos, procura por cursos de licenciatura cai 74% em universidades públicas do Paraná. 2024. **Portal G1**. Curitiba, 26 fev. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/em-seis-anos-procura-por-cursos-de-licenciatura-cai-74percent-em-universidades-publicas-do-parana>. Acesso em: 15 jun. 2024.

PLASSA, Wander; PASCHOALINO, Pietro André Telatin; BERNARDELLI, Luan Vinicius. Violência contra professores nas escolas brasileiras: determinantes e consequências. **Nova Economia**, v. 31, p. 247-271, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6351/5798>. Acesso em: 23 jun. 2024.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. 2 ed. Tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2012.

PROGRAMA de Mestrado Profissional para Professores da Educação Básica - **ProEB**. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Brasília, 7 nov. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-a-distancia/proeb>. Acesso em: 15 jun. 2024.

RAJAGOPALAN, Kanavillil; SOUSA, Diego Pinto de. **Para além do horizonte da crise: diálogos com Kanavillil Rajagopalan**. Revista Forproll, v. 2, n. 2, edição especial, p. 5-13, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1anZTAIpbAO9UCv6IHxXCWb7RH-Z39m/view..> Acesso em: 13 jun. 2024.

RIBEIRO, Marinalva Lopes; SILVA, Fabrício Oliveira da; BRAGA, Maria Cleonice Barbosa; MALTA, Hélia Lucila. Por quais motivações estudantes escolhem a carreira profissional?. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 23, n. 2, p. 155-173, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-0870v23n2a3903>. Acesso em: 23 jun. 2024.

RODRIGUES, Léo. **IBGE** revela desigualdade no acesso à educação e queda no analfabetismo. 2023. Agência Brasil. Rio de Janeiro, 7 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-06/ibge-revela-desigualdade-no-aceso-educacao-e-queda-no-analfabetismo>. Acesso em: 12 jun. 2024. 7

SANTOS, Luciane Mulazani dos. **O que leva alguém a querer ser professor?** Em blogs e no Facebook, narrativas de professores em formação inicial contam sobre as escolhas pela profissão. Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 11, n. 3, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1679-1916.44443>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Professores do Estado de São Paulo "Paulo Renato Costa Souza"**. Programa Mestrado & Doutorado: manual do candidato ou do bolsista. São Paulo: EFAP, [2014?]. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/808.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SILVA, Marcio José; MUZZETI, Luci Regina. **Educação brasileira: projeto de uma crise**. Trama Interdisciplinar, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 223-243, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/2177-5672/trama.v8n2p223-243>. Acesso em: 15 jun. 2024.

UNIVERSIDADE Aberta do Brasil. **Ministério da Educação**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/politica-de-educacao-inclusiva?id=12265>

Recebido em 15 de novembro de 2025
Aceito em 23 de fevereiro de 2026